



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

A cidade mulata

Pepetela

Para citar este documento / To cite this document:

Pepetela, "A cidade mulata", *Colóquio/Letras*, n.º 183, Maio 2013, p. 147-151.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

A cidade mulata

PEPETELA

FORA DE UM REDUZIDO círculo de especialistas, é absolutamente desconhecido o facto de Benguela, segunda cidade fundada por europeus no espaço que agora se chama Angola, apresentar durante três séculos e oficialmente até 1950, mais de metade da sua população recenseada como mestiça. Fundada em 1617, poucas décadas depois já tinha mais mulatos que negros e brancos juntos. O que é interessante por se situar em pleno continente africano, 12 graus a sul do Equador, numa região relativamente povoada por povos bantos.

Na minha infância, era chamada de «cidade mulata», nome que viria a ser esquecido ou ignorado por razões políticas, depois da Independência, pelo medo de se reavivarem quaisquer tensões de ordem racial, num momento em que se lutava pela consolidação da Nação e contra todos os possíveis factores de divisão. Mas muitos benguelenses, quando estão entre si, ainda hoje o referem com orgulho e ternura, embora essa característica se tenha atenuado bastante nos últimos cinquenta anos e dramaticamente nos últimos vinte, com a vinda maciça de populações camponesas para a cidade. Hoje o grupo mestiço é capaz de nem atingir os dez por cento da população da urbe (desde 1970 não há censos populacionais, por isso qualquer cifra é fruto de especulação), embora tenha expressão forte no domínio económico e cultural.

Mas no tempo da minha meninice era outra coisa.

Na época da «cidade mulata», os brancos detinham as rédeas do poder político-administrativo e económico, particularmente os vindos

de Portugal, pois mesmo os brancos nascidos em Angola eram considerados «brancos de segunda» e merecendo alguma desconfiança quanto aos seus costumes, por isso não beneficiando de todos os privilégios dos metropolitanos. Contudo, mesmo na administração pública, a maior parte dos funcionários era constituída por mestiços, sobretudo nos cargos subalternos de chefia. Nas escolas tinham sido maioria de alunos, mas no meu tempo já não o eram, embora ainda muito numerosos. E contavam-se os relativamente raros negros. Tinha havido um processo de europeização e conseqüente branqueamento das elites, depois da subida de Salazar ao poder de Portugal, particularmente a partir de 1930, com encorajamento à vinda para Angola de portugueses pobres, geralmente camponeses que tinham perdido terras no jogo das partilhas familiares. Quando eu era criança, começavam a notar-se os efeitos dessa política, em primeiro lugar e de forma mais evidente a nível do poder político e da instrução, que abria caminho para os postos mais cobiçados.

Na vida social e cultural, o peso dos mestiços ainda era muito grande. Lembro-me que nos clubes desportivos, se as direcções já eram quase exclusivamente brancas, a maioria dos jogadores eram mestiços. Negros havia como jogadores, mas menos numerosos que os brancos. O meu ídolo no futebol era o Miau, mestiço, anormalmente alto e forte, uma fonte inesgotável de energia e querer. Tornou-se ídolo aliás de toda a cidade, por também ter tido posições políticas de apoio à luta de libertação anticolonial. Como muitos dos seus colegas e amigos. Aliás, se Benguela foi a única cidade de todo o império português onde Salazar perdeu eleições em 1958, apesar de serem viciadas, isso se deveu em grande parte ao peso da população mestiça, adepta de tudo que fosse contra o poder instituído na metrópole ou em Luanda. Dizem as más línguas que até hoje o fenómeno se verifica em relação aos poderes de fora de Benguela, mas esses são outros assuntos que para aqui não são chamados. Muitos terão sido os mestiços que pontificaram no desporto, mas gostaria de dar ainda o exemplo da melhor atleta da terra, Fernanda Fernandes, que foi campeã de atletismo português e grande basquetebolista. Recordo com muita saudade essa minha amiga, que se sentava no mesmo banco que eu, na escola, e só sonhava com a altura de sair para o recreio, onde havia bolas e tempo para correrias.

A família típica dos séculos anteriores era muito numerosa, por vezes officiosamente poligâmica, pois o dono da casa, se fosse branco ou mestiço, tinha a mulher principal, que podia ser negra ou mulata e no quintal, numa casa menor, residia uma segunda mulher, esta geralmente negra. Os filhos de uma e da outra eram educados mais ou menos em conjunto, embora sempre sujeitos a questiúnculas por causa da rivalidade das mães. O patriarca só tomava posição quando os assuntos eram sérios ou se os conflitos ameaçassem fugir do controlo. Normalmente falavam-se na família a língua portuguesa e o umbundu, língua mais importante da região. No tempo da minha infância, a cultura de origem europeia impunha-se com mais força e já não se assumia facilmente a poligamia; assim, a segunda mulher não vivia no mesmo espaço da primeira. Mas os filhos da segunda vinham regularmente à casa principal, a «casa grande», receber a bênção do pai e da «madrinha», sobretudo na altura das festas religiosas.

O meu grupo de amigos sempre foi um grupo misturado, como se devia em tal ambiente. As três cores estavam representadas em todos os grupos de vizinhança que os garotos formavam na altura. Com o decorrer do tempo, sobretudo a partir dos anos 60, começou a aparecer uma fractura que isolava os elementos negros. E nos últimos tempos da colonização já não era raro ver-se um grupo de miúdos quase todos brancos brincando ou passeando em conjunto, coisa impensável no meu tempo de criança. Dessa época em que dominavam os grupos miscigenados ficou evidentemente nas pessoas uma maneira de ser e conviver que era muito diferente das outras cidades coloniais, não só de Angola mas de África. E repercutiu-se na cultura.

Os grupos musicais eram obviamente constituídos por elementos misturados e tentavam também mesclar influências artísticas. Mas esse aspecto foi mais claro na literatura. Até hoje o grande poeta da urbe, um mestiço que por acaso nem nasceu ali, mas em Benguela se fez homem, Aires de Almeida Santos, ficou conhecido e reconhecido como tendo combinado a língua portuguesa com muitas formas de dizer locais e utilizando palavras que não provinham do português. E se a poesia denotava a influência dos cânones portugueses, tinha no entanto um ritmo mais dolente, próprio de uma cidade que fica absolutamente parada ao sol do

meio-dia, transportando com ela também as estórias da terra que a gerou, diferente da metropolitana. E o maior cronista da cidade (dizem críticos que o maior de Angola até hoje) era um branco de cor, mas mestiço de cultura, Ernesto Lara Filho, fazendo aliás parte de uma família miscigenada. As suas crónicas são exemplo acabado do que era a cultura mestiça de Benguela, onde se misturavam as comidas próprias da terra usadas em grandes almoços na sombra dos quintalões e as crenças nos feitiços de amor, com observações tiradas dos livros portugueses ou de filmes franceses, num acasalamento harmonioso e literariamente conseguido. Esta maneira de escrever é aliás comum à literatura urbana de Angola, mudando apenas a língua africana que serve de factor de influência ao português. Por isso se pode afirmar que toda a literatura urbana tem forte pendor mestiço, sem no entanto chegar a utilizar um crioulo.

Em tempos mais antigos, a importância do grupo mestiço, como já dissemos, era decisiva na vida social, tendo vindo a perder peso gradualmente ao longo da segunda metade do século XX, num processo que parece hoje inexorável, dado o peso demográfico cada vez maior da população negra. Dessa importância dos mestiços na vida social deve ter resultado o facto de Benguela ser, no tempo colonial, a cidade angolana onde havia menos discriminação e menos tensões entre os diferentes grupos raciais. Toda a situação colonial é acompanhada de racismo, obviamente, mas se há um grupo intermediário forte e com influência, ele pode estabelecer uma ponte em que as tensões se suavizam. Sobretudo se as pessoas que servem de ponte têm o jeito irreverente e brincalhão no comportamento do dia a dia, minimizando os inevitáveis contrastes, ridicularizando as posições mais radicais de um lado ou do outro, defendendo pois valores de tolerância da forma mais adequada a serem aceites, isto é, através do humor. E humor é o que eles mais tinham, esses mulatos de Benguela, que até sobre si próprios inventavam constantemente piadas e se riam a bandeiras despregadas dos seus próprios azares e desgraças. Espírito este que se propagou à cidade e até hoje se mantém, marcando a personalidade dos habitantes antigos e dos recentes que nela se abrigam.

Benguela tem tido vários sobrenomes criados pelos seus filhos mais entusiastas, por vezes raiando o exagero e o ridículo, mas entre eles destaca-se «cidade das acácias rubras», por as suas ruas estarem pejadas dessas

árvores que marcam de vermelho os meses de Novembro e Dezembro, ou «cidade mãe de cidades», porque a partir dela foram criadas muitas urbes no interior, sobretudo por causa do caminho de ferro que leva o seu nome. Mas prefiro sem dúvida alguma o de «cidade mulata», porque retrata a sua essência de séculos, a que formou tantos de nós e de que guardo saudade, como símbolo de confluência de culturas, de compreensão e aceitação entre pessoas diferentes apenas na cor da pele. No mundo de hoje, marcado pela intolerância e desconfiança mútuas entre grupos e etnias, não é pouco como exemplo do que poderia ser uma proposta alternativa de sociedade. Se os homens aprendessem com a História...